

**ESPORTES DE AVENTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA: APROXIMAÇÕES COM A
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ADVENTURE SPORTS AND PHYSICAL EDUCATION: APPROACHING
CHILDHOOD EDUCATION**

**DEPORTES DE AVENTURA Y EDUCACIÓN FÍSICA: ACERCÁNDOSE A LA
EDUCACIÓN INFANTIL**

IACZNSKI, Luiz Antônio
luizinho_novonts@hotmail.com

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
<http://orcid.org/0000-0003-0658-9277>

FIGUEIREDO, Juliana de Paula
julianapfig@hotmail.com

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
<http://orcid.org/0000-0001-8477-465X>

DUEK, Viviane Preichardt
vividuek@hotmail.com

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
<http://orcid.org/0000-0002-0774-7495>

RESUMO: O artigo objetiva descrever uma experiência com os esportes de aventura na Educação Física Infantil, com ênfase na construção de equipamentos. A experiência foi desenvolvida com um grupo de crianças entre quatro e cinco anos em uma instituição de Educação Infantil de Florianópolis/SC. Os esportes de aventura abordados foram *slackline*, surfe, escalada e *parkour*, utilizando-se equipamentos construídos com materiais alternativos e adaptados à faixa etária. O trato pedagógico dos esportes de aventura na Educação Infantil foi possível mediante a construção e adequação de equipamentos e espaços, além do estabelecimento de parcerias com outros profissionais da instituição. Conclui-se que a experiência possibilitou aprendizagens e favoreceu a aproximação e ampliação de conhecimentos acerca dessas práticas corporais na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Física Infantil. Equipamentos Construídos. Adaptação de Materiais. Atividades de Aventura.

ABSTRACT: The objective of this report is to describe an experience with adventure sports in Physical Education for children, with emphasis on building equipment. It was developed with a group of children between four and five years old, in an institution of Childhood Education in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. The adventure sports covered in the classes were slackline, surf, climbing and parkour, using equipment built with alternative materials and adapted to the age group. The pedagogical treatment of adventure sports in early Childhood Education was possible through the construction

and adaptation of equipment and spaces, in addition to establishing partnerships with other professionals of the institution. It was concluded that the experience enabled learning and favored the approach and expansion of knowledge about these corporal practices in early Childhood Education.

Keywords: Childhood Physical Education. Building Equipment. Adapted Materials. Adventure Activities.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo describir una experiencia con deportes de aventura en Educación Física para niños, con énfasis en construcción de equipo. Fue desarrollado con un grupo de niños entre cuatro y cinco años, en una institución de Educación Infantil en Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Los deportes de aventura cubiertos en las clases fueron *slackline*, *surf*, escalada y *parkour*, utilizando equipos contruidos con materiales alternativos y adaptados al grupo de edad. El tratamiento pedagógico de los deportes de aventura en la Educación Infantil fue posible a través de la construcción y adaptación de equipos y espacios, además de establecer alianzas con otros profesionales de la institución. Se concluye que la experiencia permitió el aprendizaje y favoreció el enfoque y la expansión del conocimiento sobre estas prácticas corporales en la educación de la primera infancia.

Palabras clave: Educación Física Infantil. Equipo construido. Adaptación de Materiales. Actividades de Aventura.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo relata uma experiência de ensino e aprendizagem dos esportes de aventura¹ desenvolvida com crianças entre quatro e cinco anos de um Núcleo de Educação Infantil Municipal (NEIM) de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Para tanto, foi elaborada uma proposta que buscou tematizar o esporte na Educação Infantil, explorando modalidades olímpicas e não olímpicas, a exemplo dos esportes de aventura, foco deste relato, os quais foram abordados de forma adaptada, especialmente no que se refere à construção de equipamentos para sua experimentação.

De acordo com Richter, Gonçalves e Vaz (2011), dificilmente o esporte encontra lugar nos currículos da Educação Infantil, em que pese um modelo pedagógico de Educação Física, quando presente nessa etapa educacional, fortemente pautado nos aspectos psicomotores e no desenvolvimento de habilidades

¹ Embora não haja um consenso na literatura sobre a terminologia adequada para referenciar estas práticas corporais, os autores deste trabalho optaram pelo uso do termo *esportes de aventura*, devido à sua proximidade com os objetivos da experiência ora relatada. Contudo, ressalta-se que, ao longo do texto, diversas nomenclaturas serão citadas, de forma a respeitar as opções dos autores referenciados.

motoras preparatórias para o ensino fundamental. Além disso, contribuem para essa realidade o distanciamento da Educação Infantil em relação às discussões no campo da Educação Física acerca do esporte e a escassa menção a ele nos documentos que tratam da educação de crianças pequenas.

O esporte é tratado por diversos autores, dentre eles Oliveira, Oliveira e Vaz (2008), Kunz (2006) e Bracht (2000/2001), como um fenômeno multifacetado, podendo ser pensado e experienciado de diversas maneiras, indo além da reprodução de gestos técnicos e do estímulo ao consumo do esporte e de seus subprodutos. No seu ensino devem ser considerados aspectos históricos e culturais, além da ressignificação desse conteúdo com base na realidade da instituição e de seus atores, particularmente as crianças, de modo que elas possam se aproximar desse elemento da cultura, ampliando a sua compreensão acerca dessa prática corporal.

De modo complementar, Richter, Gonçalves e Vaz (2011) afirmam que o esporte se manifesta nas mais variadas formas de expressão corporal presentes na sociedade, oferecendo diferentes maneiras de contato com os elementos culturais da história. Ainda de acordo com esses autores, os grandes temas das práticas corporais, sendo o esporte um deles, não só têm lugar como não podem deixar de serem tematizados pela Educação Física, garantindo às crianças, desde a primeira infância, uma gama de conhecimentos e a exploração de diferentes expressões corporais. Nesse sentido, os esportes de aventura podem ser explorados no ambiente escolar, inclusive na Educação Infantil.

A realidade nas escolas denota a necessidade de alternativas e transformações que contribuam para a educação na contemporaneidade e para a formação plena, a começar pela educação básica. Não obstante, a Educação Física deve implementar propostas para atingir essa necessidade, a exemplo do esporte de aventura empregado no intuito de intervir na realidade, explorando o seu aspecto inovador, favorecendo vivências alternativas aos alunos e transcendendo o ensino-aprendizagem das práticas corporais apenas de forma técnica e que visam prioritariamente as capacidades físicas. Precisa-se, assim, atuar em uma perspectiva mais holística de construção de conhecimentos e aprendizagens que sejam realmente significativos e relacionados, inclusive, às questões ambientais, inerentes a essas



práticas corporais, contemplando as três dimensões do conteúdo: procedimental, atitudinal e conceitual (PAIXÃO, 2017; TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013).

Autores como Pimentel *et. al.* (2017) ressaltam a relevância da inclusão das atividades alternativas no currículo da Educação Física com base na ferramenta de inovação cultural no que se refere ao conteúdo, as quais, conseqüentemente, representam possibilidades de diversificação no conteúdo tradicional da escola. Torna importante enfatizar que os demais conteúdos, comumente desenvolvidos por esse componente curricular, continuam presentes, sendo somados aos considerados inovadores, a fim de promover uma educação transformadora, crítica e criativa.

Inácio *et. al.* (2016), ao realizarem uma reflexão sobre a inserção das práticas corporais de aventura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), defendem que, embora o documento faça a sugestão de sua inserção a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, as práticas corporais de aventura também poderiam ser exploradas na Educação Infantil e nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental. Ao se apresentar propostas de inserção dos esportes de aventura no ambiente educacional, ressalta-se o trabalho de Martins e Anselmo (2015), os quais retratam uma intervenção realizada na Educação Infantil e mostram diversas possibilidades a partir da prática dos esportes radicais, por meio da experimentação adaptada de modalidades como *slackline*, *sandboard*, surfe e *skate*. Esses autores se valeram da associação de vídeos, pinturas em pranchas de madeira para equilíbrio, confecção de cartazes, além da criação de um personagem imaginário que se fez presente durante todas as vivências e colaborou para as abordagens educativas.

Nesse sentido, entende-se que a presença dos esportes de aventura na Educação Infantil relaciona-se com os campos de experiência que devem orientar a organização curricular com crianças até seis anos (BRASIL, 2017), bem como com as interações e as brincadeiras, enquanto eixos norteadores da prática pedagógica na Educação Infantil (BRASIL, 2009). Por meio delas, é possível despertar e explorar o imaginário infantil perante a modalidade, a experimentação dos movimentos, a observação e o contato com os equipamentos, entre diversos outros elementos, promovendo assim, as aprendizagens, o desenvolvimento e a socialização, aspectos primordiais nessa etapa educacional.

Considerando a escassez de publicações de experiências realizadas na Educação Infantil, bem como a necessidade de sistematização e socialização dessas práticas para que sirvam de inspiração e de apoio para o desenvolvimento dessas modalidades junto às crianças, é que este relato é proposto. Assim sendo, este artigo tem como objetivo descrever uma experiência de inserção dos esportes de aventura na Educação Física Infantil, com ênfase na construção de equipamentos para a sua experimentação de forma adaptada.

2 O CONTEXTO E OS ATORES DA EXPERIÊNCIA

O relato trata de uma experiência com os Esportes de Aventura desenvolvida no contexto da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em um NEIM pertencente à rede municipal de Florianópolis que atende crianças de zero a cinco anos, distribuídas em oito grupos, sendo quatro no período matutino e quatro no período vespertino. A Educação Física está inserida na Educação Infantil de Florianópolis desde 1982, assumindo, na atualidade, formas de trabalho diferenciadas: a adaptação do tempo dos encontros, que pode ser metade de um turno ou um turno inteiro, com um ou mais grupos de diferentes faixas etárias, o trabalho com projetos, entre outras possibilidades, segundo o público e a realidade das instituições (NASCIMENTO; VASCONCELOS; GONÇALVES, 2009).

Dito isso, na instituição em que o estágio foi realizado, os momentos de Educação Física têm um horário ampliado, aproximadamente 1 hora e 15 minutos, duas vezes por semana. O grupo atendido era composto por 25 crianças – 11 meninos e 14 meninas – com idades entre quatro e cinco anos.

Nesse contexto, trabalham professoras regentes, auxiliares de sala, diretora, coordenadora pedagógica, professora de Educação Física/Supervisora de Estágio, além de funcionárias responsáveis pelo serviço administrativo de limpeza e alimentação.

O espaço físico é composto por quatro salas de aula, todas com banheiro infantil, uma sala dos professores, um banheiro adulto, uma sala de direção, biblioteca, cozinha, lavanderia e *hall* de entrada formado por um corredor com armários que servem para armazenar os materiais da Educação Física, tais como

bolas de tênis, bolas de borracha, bolas de plástico, cordas, arcos, chinelão, túnel de tecido, colchonetes, pneus, raquetes de frescobol, boca do palhaço, entre outros.

Para as intervenções foram utilizados espaços diversificados da instituição como a própria sala de aula, *hall* de entrada, parque e quadra de concreto. Quanto ao parque, este possui brinquedos variados como balanços, gira-gira, escorregadores, casa de boneca, casa na árvore, trepa-trepa, túnel e torre de pneus, *playground* estilo barco, gangorra, além de uma área arborizada com bancos e mesas. Por sua vez, a quadra de concreto, embora pequena, possibilitou desenvolver diversas atividades.

A partir da aproximação e observação do campo de estágio, da análise do planejamento da professora de Educação Física, do Projeto Político-Pedagógico da unidade (PPP) e do conhecimento acerca das diretrizes municipais (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2010), foi elaborado um planejamento com o propósito de tematizar os esportes olímpicos e não olímpicos na Educação Infantil. De modo específico, destaca-se a abordagem dos esportes de aventura, enquanto recorte adotado para o presente relato.

Vale ressaltar que o processo de planejamento e desenvolvimento da proposta ocorreu mediante a colaboração e o acompanhamento do professor orientador e da professora supervisora de estágio. Os estudos realizados nos encontros semanais na universidade, o diálogo com a professora supervisora e a troca de experiências e reflexões sobre a prática pedagógica, bem como o conhecimento da realidade e do grupo de crianças serviram de motivação para a realização de um trabalho com os esportes de aventura na Educação Infantil.

De um total de 10 semanas, o trabalho com os esportes de aventura foi realizado num período de 4 semanas, perfazendo 8 intervenções. Para tanto, foi elaborado um plano de ensino no qual foram delineados os conteúdos, os objetivos, os espaços e materiais que seriam utilizados, os procedimentos didático-metodológicos e a avaliação, além de um cronograma com a sequência das aulas. Todas as vivências foram registradas com fotos, filmagens e anotações em diários de aula, os quais representaram um subsídio importante para a elaboração do presente relato. Destaca-se que, no ato da matrícula anual, os pais e/ou mães e/ou responsáveis assinam um termo permitindo, para fins acadêmicos, o registro das

atividades realizadas, respeitando, assim, os princípios éticos no que condiz aos registros de fotografias e filmagens.

De modo geral, a abordagem dos esportes de aventura foi balizada pelos seguintes objetivos: a) conhecer a história e as características dos esportes de aventura; b) vivenciar os elementos dos esportes de maneira adaptada; c) experimentar situações de equilíbrio estático e dinâmico presente nas atividades propostas; d) conhecer os equipamentos e locais de prática das diferentes modalidades e e) manifestar o interesse por essas práticas corporais, expressando emoções e percepções acerca das vivências realizadas. Para atender a esses objetivos, a proposta pedagógica pautou-se na construção de materiais e equipamentos referentes a cada modalidade, os quais serão detalhados ao longo deste relato.

3 ORGANIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

De modo geral, os momentos de Educação Física junto às crianças obedeciam à seguinte dinâmica: primeiro era realizada uma roda de conversa² a fim de contextualizar os esportes de aventura que seriam vivenciados naquele dia, buscando apresentar as características principais da modalidade e promover o conhecimento dos equipamentos utilizados bem como dos diferentes locais de prática, aproximando-se dos saberes e das experiências prévias das crianças. Nesse momento também eram apresentados vídeos ou imagens e feitos alguns questionamentos, tais como: *o que acabamos de assistir? O que estão fazendo? Vocês sabem que esporte é esse? Já praticaram? Já viram alguém praticando? Já assistiram na televisão? O que precisamos para poder praticar esse esporte?* Em seguida, eram propostas atividades com o intuito de proporcionar às crianças a vivência dos fundamentos dos esportes de aventura tematizados nas aulas, utilizando diferentes espaços e equipamentos, alguns dos quais produzidos pelo próprio estagiário. E, por fim, era realizada uma roda

² A roda da conversa, neste trabalho, é entendida como um instrumento pedagógico presente nos espaços-tempos da Educação Infantil com princípios democráticos que permitem relações horizontalizadas, contribuindo para a singularização e amplificação da voz da criança ao mesmo tempo em que potencializa e fomenta práticas de escuta qualificada e responsiva (SILVA; LIMA; FERNANDES, 2017).



de conversa com as crianças sobre o que foi abordado em aula (o que aprenderam, o que sentiram durante as brincadeiras, o que acharam da experiência, dificuldades etc.). Os esportes de aventura elencados para as aulas de Educação Física Infantil foram *slackline*, surfe, escalada e *parkour*, descritos a seguir.

3.1 *Slackline*

Para a apresentação do *slackline* às crianças, inicialmente, utilizou-se um vídeo demonstrando a prática dessa modalidade em diversos lugares pelo mundo, possibilitando a observação de movimentos que são usualmente realizados com a fita de *slackline*. No momento seguinte, ainda na sala de aula, foram lançados alguns questionamentos junto às crianças em relação ao que acharam sobre o *slackline*, se conheciam a modalidade e se ela se assemelhava a alguma modalidade já conhecida por elas. Observou-se, nesse momento, que apesar da dificuldade em nomear o esporte, as crianças conseguiram relacionar os movimentos do *slackline* com aqueles realizados na corda bamba, a qual já havia sido vista por elas no circo.

Na sequência foi realizada a vivência da falsa baiana³ montada previamente na área arborizada do NEIM. Uma a uma, as crianças foram estimuladas a experimentar a sensação de andar na corda suspensa. Esse processo pedagógico teve como principal objetivo desenvolver o equilíbrio, sendo esse o elemento central da modalidade *slackline*. Esse esporte de aventura também proporciona a consciência corporal, além dos aspectos atitudinais relacionados à cooperação e à autonomia (PIMENTEL *et al.*, 2017).

Após essa atividade preparatória, na aula seguinte, foi introduzido o *slackline* propriamente dito montado entre duas árvores do parque. Inicialmente, a atividade decorreu com o auxílio de uma corda amarrada logo acima da fita (similar à falsa baiana), a qual foi retirada ao se perceber que as crianças já haviam se adaptado e conseguiam realizar o movimento com certa facilidade. As crianças puderam experimentar a fita, primeiramente sentadas, depois em pé, sendo que algumas

³ A falsa baiana consiste em duas cordas presas entre duas árvores a uma altura proporcional ao tamanho das crianças, sendo uma corda um pouco mais alta para servir de apoio para as mãos e outra mais baixa em que as crianças teriam que caminhar.

conseguiram permanecer equilibradas sobre a fita por alguns segundos, outras conseguiram, sem auxílio, subir e se equilibrar sobre a fita e todas as crianças realizaram a travessia da fita com o auxílio (Figura 1).

Durante essa vivência foi possível perceber, para além do aspecto motor, o interesse das crianças por essa prática, de modo que algumas superaram a timidez e/ou o medo de altura pela satisfação que os movimentos do *slackline* proporcionam, reconhecendo os próprios limites e dos colegas. Nesse sentido, Oliveira (2017) afirma a importância do processo didático no qual a criança possa experimentar o equipamento de diferentes maneiras. O autor também argumenta em favor da estratégia de utilização de jogos e brincadeiras de modo a possibilitar o desenvolvimento na modalidade, garantindo uma evolução que respeite os limites de cada criança e, ao mesmo tempo, a desafie, resultando, especialmente, na percepção corporal, no autoconhecimento e no equilíbrio.

Figura 1 - Vivências do *slackline* com e sem a falsa baiana



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

3.2 Surfe

Assim como o *slackline*, o surfe foi introduzido por meio da exibição de um vídeo tanto de surfistas profissionais quanto de crianças surfando em diferentes lugares do mundo, foram abordados também os equipamentos, as roupas e os principais movimentos. Na sequência, as crianças foram indagadas sobre o surfe: *Alguém aqui já surfou? Vocês já foram à praia?* A partir das respostas das crianças, constatou-se que algumas nunca haviam ido à praia e que outras apresentavam receio de entrar no mar por medo de se afogarem.

Nesse contexto, questionou-se junto às crianças se elas achavam que era possível surfar *fora da água*. Prontamente as crianças responderam que isso não era possível. Logo, possibilitar às crianças a sensação de estarem surfando, mostrou-se um desafio, considerando o fato de não haver condições físicas e materiais adequadas na instituição para a prática desse esporte. Não raramente, são justamente esses fatos que dificultam com que os professores desenvolvam os esportes de aventura na escola, pois precisam solicitar materiais emprestados a conhecidos, utilizar equipamentos pessoais, ou, ainda, adaptar espaços e materiais a fim de promover a experimentação desses esportes (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013).

Visando proporcionar a vivência do surfe, superando as limitações elencadas, inicialmente, por meio de situações imaginárias, as crianças foram estimuladas a *surfarem*. Para tanto, foram utilizados os bancos do refeitório, simulando as pranchas. Inicialmente, as crianças ficavam deitadas no banco e, ao sinal do professor-estagiário *lá vem a onda, vamos pegar* faziam o movimento de remada com os braços e algumas *batiam* as pernas para *entrar* na onda (movimento visto por elas no vídeo). Na sequência, mediante a sugestão do professor-estagiário: *entrou, vamos ficar em pé*, as crianças levantavam apoiando as mãos e os joelhos e, em seguida, abriam os braços para auxiliar no equilíbrio. Logo após, eram estimuladas a *fazerem a curva*, movimentando o quadril da direita para esquerda e vice-versa e a *entrarem no tubo* flexionando os joelhos e recolhendo os braços próximos ao tronco. Por fim, com a orientação *caiu na água*, cada criança saltava do banco em direção ao chão, protegido com colchonetes que simulavam o mar, além de garantirem a segurança na brincadeira.

Ao compreender essa gama de movimentos, o surfe, de modo semelhante ao *slackline*, trabalha amplamente o desenvolvimento do equilíbrio e, conjuntamente, a coordenação motora. Além desses aspectos, pode representar uma excelente oportunidade de explorar conhecimentos interdisciplinares como condições do vento, das ondas, salvamento aquático, conscientização ambiental, vida marinha, entre diversos outros elementos (SOUZA, 2013).

Um ponto alto dessa experiência foi a construção de um equipamento, utilizado na segunda aula, com o objetivo de possibilitar, por meio do imaginário infantil, a

aproximação com o equipamento propriamente dito da modalidade, ou seja, a prancha de surfe e a simulação dos movimentos fundamentais realizados nesse esporte. Para a construção desse equipamento, utilizou-se material de sucata (aro de uma roda de carro, mola de amortecedor de carro e uma tábua de madeira que virou a prancha). No processo de confecção desse recurso pedagógico a mola foi fixada no aro que deu a sustentação na base e a prancha de madeira foi fixada na parte superior da mola (Figura 2), permitindo, assim, a vivência dos movimentos comuns à prática do surfe.

Inicialmente, cada criança foi *surfando* a partir do simulador, realizando algumas *manobras* semelhantes às aquelas presentes no vídeo assistido na primeira aula. Ao longo da aula, as crianças foram se soltando e participaram ativamente das atividades, ganharam confiança e autonomia, inclusive, propondo e realizando movimentos e reflexões. Elas apontaram que, para se posicionarem de modo semelhante a um surfista, deveriam ficar deitados na *prancha* esperando a onda e, em seguida, em pé para surfar. Essa atividade mostrou-se muito desafiadora e, ao mesmo tempo, motivadora para as crianças devido ao desequilíbrio causado pela *prancha*, tornando a atividade intensa e prazerosa.

Figura 2 - Vivência do surfe por meio de equipamento construído com material reciclado.



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

É importante refletir sobre o fato de que as escolas raramente possuem algum equipamento de esporte de aventura ou estrutura própria para realização de tais vivências. Nesse sentido, como enfatizado por Figueiredo, Bataglion e Werle (2018) e

Pimentel *et. al.* (2017), no intuito de possibilitar a experimentação dessas vivências ou mesmo simular os esportes de aventura, pode-se adaptar materiais, bem como reinventar espaços por meio da utilização de objetos alternativos como pneus, bancos e muros, além da própria estrutura local, como parquinhos e grades. Neste relato, destaca-se a construção de um equipamento inovador, o simulador de surfe, construído apenas com materiais recicláveis pelo próprio estagiário de maneira artesanal. Esse equipamento despertou muito o interesse das crianças, satisfazendo os objetivos da aula, uma vez que elas mergulharam na experiência de serem surfistas a partir das situações de *faz de conta* presentes nas brincadeiras propostas.

3.3 Escalada

A escalada foi o terceiro tema abordado nas aulas de Educação Física na Educação Infantil. Assim como nas aulas anteriores, o contato com esta modalidade também se deu por meio de um vídeo que exibia a escalada *indoor* realizada por adultos e crianças em vias (percursos) diferentes na parede, mostrando uma das possibilidades de locais de prática dessa modalidade. Após a exibição do vídeo, aconteceu uma reflexão juntamente com as crianças sobre a escalada, seus locais de realização (parede *indoor*, montanhas, pedras), aspectos como a segurança com o auxílio de cordas e equipamentos como o mosquetão, assim como a altura, foram debatidos com os pequenos.

Destaca-se, neste contexto, a importância de problematizar com as crianças aspectos referentes aos riscos e equipamentos de segurança, no intuito de despertar a consciência sobre os cuidados que se deve ter ao realizar determinadas modalidades. Conforme preconizam Franco, Cavasini e Darido (2014), o risco é um elemento intrínseco do segmento da aventura, o qual não impede a realização na escola, mas cabe ao professor gerenciar os riscos, realizando, previamente, uma análise dos que podem ocorrer de forma a minimizar os que são desnecessários e de proporcionar uma experiência motivadora e segura.

Considerando tais aspectos, para a vivência dessa modalidade, num primeiro momento, foi proposta uma brincadeira de *faz de conta* em que, por meio da imaginação, as crianças imitavam diferentes animais que *escalam* ou realizam

movimentos semelhantes (aranha, lagartixa e macaco foram citados). Para tanto, foi disposto previamente um tapete no chão, simulando uma *parede de escalada*. Sob o tapete, coladas no chão, estavam ocultadas duas vias de escalada, as quais eram formadas por figuras coloridas de nuvens, sendo uma de nuvens com *carinha feliz* e outra de nuvens com *carinha triste*. Assim, para escalam a *parede* as crianças precisavam utilizar as nuvens dispostas no chão podendo *pisar e agarrar* apenas nas nuvens com a mesma imagem, conforme havia sido demonstrado no vídeo sobre as vias (percurso). Nesse momento, as crianças escalam as nuvens em um movimento de quatro apoios, como se estivessem engatinhando.

No momento seguinte, ao final da via de escalada, foi introduzida uma parede de escalada propriamente dita, confeccionada com madeira. Inicialmente o equipamento foi disposto no chão, na posição horizontal, para que as crianças pudessem engatinhar sobre ela. A parede de escalada foi sendo inclinada gradativamente (na altura de um banco e depois de uma mesa) e as crianças subiam desde o início da via chegando até o *céu* representado pelas nuvens coladas em cada *agarrar*. Com o auxílio dos estagiários, as crianças foram escalando utilizando as agarras até o topo da parede que possuía 1,5m de altura (Figura 3). A *via de escalada* ficou disponível, colada no chão para que pudesse ser explorada durante a semana, haja vista o interesse demonstrado pelas crianças.

Na segunda aula referente à escalada, as atividades iniciaram diretamente na parede confeccionada e a principal alteração foi o aumento da inclinação, até ficar na posição vertical em relação ao solo. A fim de evitar que a parede deslizesse, foram utilizados pneus abaixo da mesma e duas mesas segurando-a. Ao fim da escalada, foi montada uma pilha de colchões para que as crianças pulassem do alto da mesa onde a parede estava apoiada (Figura 3). Percebeu-se que as crianças se sentiram motivadas para a realização dos movimentos da escalada e desafiadas corporalmente, demonstrando satisfação ao conseguirem escalar a *parede* naqueles momentos em que o professor-estagiário promovia mudanças na altura do implemento.

Por meio dessa vivência, foi possível corroborar com Pereira e Armbrust (2010), sobre a afirmação de que a escalada representa um conteúdo passível de ser desenvolvido na primeira infância, podendo-se arriscar a certificar que seja a mais

fácil entre todas as práticas corporais do segmento da aventura. Isso porque os movimentos são comuns aos que a criança já desenvolve no seu cotidiano. Trata-se, aqui, de explorar o imaginário e o jogo simbólico, ressignificando os espaços e equipamentos da escola.

Figura 3 - Vivência da escalada em diferentes inclinações



Fonte: Arquivo pessoal (2016).

3.4 Parkour

O *parkour* é uma prática cada vez mais difundida, haja vista a sua veiculação na mídia, aumentando significativamente a sua popularidade e, muito embora não seja uma prática massificada, já está presente na paisagem urbana contemporânea (CARVALHO; PEREIRA, 2008). Desse modo, para abordar o *parkour* utilizamos um vídeo que remetia à prática desse esporte por iniciantes, com obstáculos presentes em diferentes locais como passeios, ruas, parques e praças, além de espaços livres entre edifícios. Esse momento foi importante para as crianças que fizeram associações com outros esportes como corrida com obstáculos no atletismo e ampliaram o seu conhecimento acerca dessa modalidade. De modo específico, o *parkour* compreende um percurso aleatório de acordo com a vontade do praticante que visualiza o obstáculo e decide se gostaria de o transpor, não requerendo, portanto, um equipamento específico, mas a exploração dos movimentos corporais diante dos diferentes obstáculos presentes nos locais.

Nesse sentido, Carvalho e Pereira (2008) esclarecem que no *parkour* é comum o processo de ressignificação do ambiente natural em que acontece a prática dessa modalidade. Logo, elementos da natureza como, por exemplo, um córrego, pedra ou árvore que, para alguns podem inspirar o desejo de contemplação, para o praticante de *parkour* pode significar um obstáculo a ser transposto. Com base nesse princípio, nas intervenções buscou-se explorar os obstáculos presentes no próprio ambiente da instituição, possibilitando a ressignificação de diferentes espaços pelas crianças. Portanto, para a vivência desta modalidade foram organizados diversos obstáculos para serem transpostos pelas crianças, iniciando com almofadas, colchonetes, cordas e, posteriormente, a fim de aumentar o nível de dificuldade, foram utilizados cadeiras, mesas e bancos isoladamente e em sequência. As crianças realizaram movimentos de salto sobre os obstáculos com e sem o auxílio das mãos, saltos para cima do obstáculo e se equilibrando sobre ele, saltos de cima do obstáculo em direção ao solo, além de caminhar equilibrando-se sobre os obstáculos. Todas as atividades foram acompanhadas pelo estagiário a fim de garantir a segurança das crianças, aspecto enfatizando por Souza e Silva (2013), uma vez que tais atividades de aventura envolvem certo risco, o medo e os desafios que precisam ser controlados a fim de possibilitar a sua inserção no contexto escolar.

Outro ambiente explorado para a vivência desse esporte foi o parquinho. Por meio de uma situação imaginária, as crianças foram convidadas a *embarcarem* em um grande navio pirata, formado por um elástico que envolvia todo o grupo. O estagiário era o *capitão*, cabendo a ele indicar a direção que a embarcação (tripulação) deveria seguir, devendo ter cuidado para não cair no mar cheio de tubarões. Foram apresentados diversos obstáculos como tubo de concreto, mesas de piquenique, bancos, escorregadores, pneus e as janelas da casinha de boneca. Devido à característica *flexível* do barco, era possível que as crianças fossem transpondo os obstáculos, sozinhas e/ou com a ajuda dos colegas, de modo que todas conseguissem realizar a tarefa e o barco pudesse prosseguir (Figura 4). Desse modo, o elástico mantinha todas as crianças reunidas, estimulando o desenvolvimento de valores como respeito, trabalho em equipe e cooperação enquanto aspectos presentes durante a prática de uma dada modalidade de aventura (PAIXÃO, 2017). Esse aspecto proporcionou uma experiência diferente para as crianças em um

ambiente já conhecido por elas, neste caso, o parquinho do NEIM, despertando a curiosidade e a satisfação na exploração dos brinquedos.

Figura 4 - Vivência do *parkour*.



Fonte: Acervo pessoal (2016).

4 AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A inserção dos esportes de aventura nas aulas de Educação Física Infantil apresentou-se como uma experiência relevante que possibilitou observar o interesse das crianças em relação a essas práticas corporais, bem como a aproximação e a construção de conhecimentos por elas acerca desse elemento da cultura corporal. Do ponto de vista da formação e da atuação profissional, mostrou-se uma oportunidade de abordar um conteúdo pouco explorado no contexto escolar, em particular, na Educação Infantil. Por outro lado, isso também se apresentou como um grande desafio, tendo em vista a escassez na literatura sobre o tema, dificultando assim com que os profissionais de Educação Física possam se embasar teoricamente, encorajando-os a trazerem essa prática inovadora para as crianças.

Além disso, a falta dos equipamentos específicos dos esportes de aventura exigiu criatividade para construir e adaptar implementos que permitissem a prática considerando a realidade da instituição. Nesse sentido, compreende-se a importância de o professor buscar na sua ação pedagógica reinventar espaços e materiais para o

ensino de determinados conteúdos, possibilitando experiências significativas e diversificadas no ambiente escolar.

Perante esse contexto, mostra-se necessário o estabelecimento de parcerias para a realização de intervenções dessa natureza, haja vista os riscos implícitos nos esportes de aventura e que são potencializados pela faixa etária da Educação Infantil. Um ponto positivo nessa vivência foi poder contar com a colaboração da estagiária, professora de Educação Física da instituição, além da professora regente, o que otimizou o andamento das aulas e a segurança na realização das atividades. Sendo assim, é desejável que o docente, ao planejar e desenvolver suas propostas, conte com o apoio de outros profissionais da instituição, inclusive, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar.

Conclui-se que, apesar das dificuldades presentes nesse processo, o esporte de aventura tem o seu espaço nas aulas de Educação Física na Educação Infantil. As diferentes modalidades, além de causarem interesse nas crianças devido ao desafio inerente à prática e posterior satisfação na realização, podem ser inseridas nessa etapa educacional trazendo um elemento inovador para as aulas e estimulando as crianças na sua integralidade. Na mesma perspectiva, esse conteúdo se mostrou novo também para os professores da instituição, despertando o interesse de continuidade em desenvolver tais práticas. Inclusive, após o encerramento das intervenções, os implementos construídos foram doados para a instituição, no intuito de estimular e permitir a continuidade das práticas por outros profissionais, estagiários e crianças.

Por fim, espera-se, com este relato, oferecer algumas sugestões sobre a inserção dos esportes de aventura na Educação Infantil, servindo de inspiração para estudantes e professores sobre o tratamento pedagógico desse conteúdo no contexto educacional, bem como de fonte de reflexão e de produção de saberes.

Luiz Antônio Iacznski

Licenciado em Educação Física pelo Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua em equipe multidisciplinar da área da saúde, educação e equitação no Centro do Equoterapia da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina.

Juliana de Paula Figueiredo

Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Colaboradora do Departamento de Educação Física do Centro de Ciências



da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Viviane Preichardt Duek

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Adjunta do Departamento de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 14-19, 2000/2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília/DF, 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília/DF, 2017.

CARVALHO, R. G.; PEREIRA, A. L. Percursos alternativos - o *parkour* enquanto fenômeno (sub)cultural. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 8, n. 3, p. 427-440, dez. 2008.

FIGUEIREDO, J. P.; BATAGLION, G. A.; WERLE, V. Atividades de aventura para crianças: fase I - 3 a 5 anos. In: FIGUEIREDO, J. P. et al. (org.). *Atividades de aventura: vivências para diferentes faixas etárias*. São Paulo: Supimpa, 2018. p. 22-33.

FRANCO, L. C. P., CAVASANI, R., DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-135. (Práticas corporais e a organização do conhecimento, v. 4).

INÁCIO, H. L. D. et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Comum Curricular. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 168-187, set. 2016.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2006. (Coleção Educação Física).

MARTINS, P.C.; ANSELMO, M. L. O esporte radical e suas possibilidades na educação infantil: o relato de experiência em uma unidade educacional. *Cadernos de Formação RBCE*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 60-68, set. 2015.

NASCIMENTO, B. D.; VASCONCELOS, V. C. P.; GONÇALVES, M. C. Esporte, educação física e educação infantil: estabelecendo novos diálogos. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 1, p. 57-70, set. 2009.



OLIVEIRA, C. M. O slackline como instrumento de prática pedagógica nas aulas de educação física escolar: possibilidades e desafios. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES; FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL*, 10.;11.; Itabaiana, 2017. *Anais...* Itabaiana: Universidade Tiradentes, 2017. p.1-13.

OLIVEIRA, M. A. T.; OLIVEIRA, L. P. A.; VAZ, A. F. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 303-318, set./dez., 2008.

PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, maio 2017.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. *Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola*. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PIMENTEL, G. G. A. et al. Atividades alternativas na educação física escolar. *Revista Educação Física UNIFAFIBE*, Bebedouro, v. 5, p. 176-196, set. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. *Diretrizes educacionais pedagógicas para a Educação Infantil*. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo, 2010.

RICHTER, A. C.; GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Considerações sobre a presença do esporte na educação infantil: reflexões e experiências. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 41, p. 181-195, jul./set. 2011.

SILVA, R. B. L.; LIMA, N. S. T.; FERNANDES, R. S. A roda da conversa na educação infantil: instrumento de silenciamento ou amplificação da voz da criança? *Revista Eletrônica de Educação*, v. 11, n. 3, p. 1001-1019, set./dez., 2017.

SOUZA, F. A. SILVA, P. C. C. A escalada nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio. *Cadernos de Formação RBCE*, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 44-54, set. 2013.

SOUZA, J. C. M. Surfe. *In: BERNARDES, L. A. Atividades de aventura para profissionais de Educação Física*. São Paulo: Phorte, 2013.p. 53-64.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. *Arquivos de Ciências do Esporte*, Uberaba, v. 1, n. 1, p. 60-69, 2013.

Recebido em: 03/08/2019.

Aprovado em: 01/02/2021.